

O corpo *Ballroom* na tela: uma análise comparativa entre “*Paris Is Burning*” (1990) e “*Salão de Baile: This Is Ballroom*” (2024)¹

Julieverson Figueredo Lopes²

Beatriz Brandão Polivanov³

Ana Lucia Silva Enne⁴

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ

Resumo

Este artigo propõe uma análise comparativa entre os documentários “*Paris Is Burning*” (1990) e “*Salão de Baile: This Is Ballroom*” (2024), explorando as representações da cultura *Ballroom* em contextos distintos: a Nova York dos anos 1980 e o Rio de Janeiro contemporâneo. A partir de uma perspectiva interseccional, o estudo busca identificar continuidades e rupturas nas formas da representação midiática, nas estratégias discursivas e nos efeitos simbólicos presentes nas duas obras. Discute-se, ainda, os dilemas éticos relacionados à representação, à autoria e à apropriação midiática, destacando como a *Ballroom* opera como espaço de resistência, expressão artística e construção de identidade, reconhecendo sua importância cultural enquanto campo simbólico de luta, afirmação e promoção de cidadania para corpos dissidentes.

Palavra-chave: *Ballroom*; cidadania; interseccionalidade; comunicação e minorias; representação.

Introdução: contextualização histórica da *Ballroom* e abordagem metodológica

Desde os salões subterrâneos da Nova York dos anos 1980 até os bailes repletos de brasilidades no Rio de Janeiro da década de 2020, a cultura *Ballroom* tem sido palco de resistência, afirmação de si, reinvenção e promoção de cidadania para corpos dissidentes. Como aponta Tim Lawrence (2011, p. 3), embora suas raízes remontem às décadas de 1920 e 1930, nos Estados Unidos, foi entre os anos de 1960 e 1980 que a *Ballroom* se consolidou nas comunidades negras e latinas LGBTQIAPN+ de Nova York como um espaço simbólico de resistência, pertencimento e performance. Marlon Bailey (2013, p. 16) reforça que esse movimento surgiu como resposta às exclusões, estruturando-se em torno de redes afetivas e políticas que desafiam as normas sociais dominantes. Ao longo das décadas, suas

¹ Trabalho apresentado na **IJ07 – Comunicação e Cidadania**, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista PIBIC/CNPq/UFF na pesquisa “Artimanhas do corpo e da linguagem em perspectivas interseccionais: códigos de (re)conhecimento e identificação”, 2024-2025, coordenada pela Prof.ª Dr.ª Ana Lucia Silva Enne (UFF). E-mail: julieversonl@id.uff.br.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação (PPGCOM/UFF). Professora do curso de Estudos de Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), ambos da UFF. Coordenadora do Grupo de Pesquisa MiDiCom (Mídias Digitais, Identidade e Comunicação). E-mail: beatrizpolivanov@id.uff.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Antropologia (PPGAS/MN/UFRJ). Professora do curso de Estudos de Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT), ambos da UFF. Coordenadora do Laboratório de Mídia e Identidade (LAMI) e do Grupo de Estudos sobre Comunicação, Cultura e Sociedade (GRECOS). E-mail: anaenne@id.uff.br.

representações na mídia moldaram não apenas o modo como é percebida externamente, mas também influenciaram as formas de autoidentificação dentro da própria comunidade.

Por isso, este artigo propõe uma análise comparativa entre dois documentários que retratam a *Ballroom* sob perspectivas distintas: “*Paris Is Burning*” (Jennie Livingston, 1990), marco no audiovisual sobre a visibilidade da cena novaiorquina, e “Salão de Baile: *This Is Ballroom*” (Juru e Vitã, 2024), longa brasileiro que acompanha membros da cena fluminense contemporânea. A partir de uma leitura crítica dos discursos e contextos de produção, o estudo busca compreender como essas obras contribuem para a construção de narrativas sobre esta cultura diversa e plural, refletindo os desafios e conquistas de seus sujeitos ao longo do tempo, em diferentes geografias e recortes socioculturais, e de que maneira operam como ferramentas de visibilidade, resistência e expressão artística.

Para tanto, adota-se como metodologia uma análise comparativa com o objetivo de identificar continuidades e rupturas nas formas de representação da *Ballroom*, suas estratégias discursivas e seus efeitos simbólicos. O método comparativo, tal como discutido por Schneider e Schmitt (1998, p. 49), permite observar e descobrir “regularidades, deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e discontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais”. A comparação, nesse contexto, não é apenas uma técnica de levantamento empírico, mas uma perspectiva analítica que, ao confrontar diferentes contextos culturais e históricos, contribui para uma compreensão mais ampla das formas de construção social da identidade e da memória.

Para isso, inicialmente, apresenta-se um referencial teórico a partir de uma perspectiva interseccional que dialoga com estudos sobre performatividade de gênero, representações midiáticas e identidades dissidentes. Em seguida, analisam-se separadamente os dois documentários, situando-os em seus contextos históricos e políticos destacando as semelhanças e divergências em termos de linguagem, autoria e impacto cultural. Por fim, apresentam-se algumas considerações finais sobre o papel dessas representações na consolidação da memória e da agência da cultura *Ballroom*.

Fundamentos teóricos para a análise da *Ballroom*

A cultura *Ballroom* se articula como uma prática comunicacional que envolve estética, política e identidade. Originada como resposta à exclusão racial e de gênero nos bailes brancos de *drag queens* estadunidenses (Lawrence, 2011, p. 4), essa cultura possibilita a construção

de territórios simbólicos e reais nos quais pessoas LGBTQIAPN+, majoritariamente negras e latinas, podem performar e afirmar suas subjetividades, uma vez que a resistência cultural é uma das formas mais potentes de confrontar as estruturas de poder (Santos, 2008, p. 5), e, no caso da *Ballroom*, essa resistência se manifesta tanto nas experiências vividas quanto nas narrativas produzidas e compartilhadas por seus sujeitos.

Esta cultura, enquanto espaço de criação artística e afirmação política de corpos dissidentes, exige uma abordagem analítica que leve em conta a complexidade das interseções entre raça, classe, gênero e sexualidade. Nesse sentido, a interseccionalidade torna-se uma ferramenta teórica indispensável para compreender como esses marcadores sociais atuam de forma simultânea e interdependente. Conforme propõe Crenshaw (1989), as experiências de sujeitos subalternizados não podem ser analisadas a partir de categorias isoladas, mas sim por meio das sobreposições que moldam as formas específicas de opressão. Carla Akotirene (2019), à luz da proposta de Patricia Hill Collins, argumenta que as opressões não se somam, mas se articulam em um “sistema de opressão interligado”, que influencia diretamente a forma como esses corpos são representados e percebidos nos meios de comunicação, uma vez que “a interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões” (Akotirene, 2019, p. 29).

Conforme explica Bailey (2013, p. 16), a *Ballroom* se articula a partir de três pilares principais: o sistema de gênero; as *houses* (casas, grupos liderados por mães ou pais simbólicos); e as *balls* (bailes), que funcionam como espaços de cura diante das exclusões impostas pela cisheteronormatividade e pelo racismo estrutural. Trata-se, então, de uma espécie de “rede social alternativa para aqueles que foram ostracizados por suas famílias ou que não tinham pessoas em suas famílias ou comunidades que pudessem compreender sua identidade sexual” (Tim’ m T. West, *apud* Bailey, 2013, p. 77. Tradução própria⁵).

A análise das representações midiáticas dessa cultura deve levar em consideração, ainda, a crítica ao apagamento e à apropriação de corpos dissidentes pela mídia *mainstream*. Stuart Hall, em seu livro ‘Cultura e representação’ (2016), afirma que as representações nunca são neutras, pois moldam percepções, naturalizam ideologias e desempenham papel central na disputa por reconhecimento. No caso da cultura *Ballroom*, esse tensionamento ganha novas camadas, como discute bell hooks (2019) ao observar a maneira como corpos negros, *queer*

⁵ An alternative social network for those who have been ostracized from their family or didn't have people in their families or communities who could understand their sexual identity.

e marginalizados são frequentemente estetizados sem que haja uma escuta real de suas vozes e vivências, transformando-os em espetáculo para o entretenimento de espectadores externos (hooks, 2019, p. 229).

Para além disso, a *Ballroom*, enquanto espaço de subversão e rearticulação das normas de gênero, demonstra na prática aquilo que Judith Butler (2018, p. 195) propõe ao questionar a naturalização das categorias de sexo e gênero e a suposta materialidade do corpo. Ao operar como um ritual coletivo e reiterativo, a *Ballroom* desestabiliza a noção de identidade de gênero como essência fixa, revelando-a como uma construção socialmente mediada e reiterada por performances. Essa dinâmica se expressa não apenas na estética e nos corpos em cena, mas também na forma como os membros da cena *Ballroom* articulam, de maneira indissociável, suas identidades de gênero e sexualidade, moldando com elas os papéis familiares e as categorias competitivas nos bailes (Bailey, 2013, p. 30). Assim, a *Ballroom* reconfigura os códigos normativos de masculinidade, feminilidade e sexualidade, expondo o caráter instável, encenado e político dessas categorias.

Dessa forma, os documentários “*Paris Is Burning*” e “*Salão de Baile: This Is Ballroom*” serão analisados como dispositivos comunicacionais que constroem sentidos sobre a cultura *Ballroom* e sobre os sujeitos que a compõem, permitindo refletir sobre os modos como a mídia participa da consolidação de uma cidadania para além dos marcos institucionais, uma cidadania performada, estética e coletiva, compreendendo a *Ballroom* como um campo simbólico de resistência e de construção de identidades dissidentes.

***Paris Is Burning*: visibilidade, controvérsias e dilemas da representação**

Rodado entre 1987 e 1989 e lançado em 1990, “*Paris Is Burning*”⁶ dirigido por Jennie Livingston, consolidou-se como um marco na representação midiática da cultura *Ballroom*. O documentário acompanha a vida de *performers queer*, em sua maioria pessoas negras e latinas, que, nos bailes realizados em Nova York, encontravam um espaço de expressão artística, construção identitária e resistência diante das múltiplas formas de exclusão que atravessavam suas existências. Ambientado no final da década de 1980, o filme documenta um momento de intensa vitalidade cultural, mas também de uma profunda marginalização da população LGBTQIAPN+, pelo racismo estrutural e a vulnerabilidade social, marcado pela epidemia de HIV/AIDS, agravada pela resposta tardia e omissa do governo de Ronald Reagan

⁶ Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9SqvD1-0odY>. Acesso em 12 de abr. 2025.

(1981-1989) à crise sanitária, que, como aponta Guedes (2016, p. 19), foi caracterizada pelo silenciamento diante das mortes crescentes entre homens gays e pessoas trans. Produzido nesse contexto de opressão e resistência, o documentário dialoga com o movimento *New Queer Cinema*, que surge no final da década de 1980 propondo novas formas de representar as vivências LGBTQIAPN+ de maneira crítica, estética e politicamente engajada (Guedes, 2016, p. 19).

A obra destaca-se por mostrar como corpos dissidentes constroem sistemas alternativos de pertencimento por meio das *houses*, conforme já discutido neste trabalho, mostrando que a *Ballroom*, indo além da sua dimensão performativa, configura-se como uma resposta política e estética às violências cotidianas que atingem esses corpos. A narrativa, ao alternar imagens das competições nos bailes com entrevistas intimistas de figuras pioneiras da cultura, produz uma tessitura que revela, simultaneamente, a potência criativa da cena e as condições materiais precárias vividas por seus sujeitos. A montagem utiliza intertítulos com fundo preto e letras brancas para apresentar nomes importantes e termos centrais da *Ballroom*, como *house*, *ball*, *realness*, *shade*, entre outros, totalizando 26 inserções. Para Hilderbrand (2013, *apud* Sales e Mello, 2017, p. 9), essa estratégia funciona como um glossário visual que introduz o espectador leigo ao universo retratado, sem, contudo, esgotar sua complexidade.

Apesar de sua relevância histórica e de seu reconhecimento global, o documentário não escapou de controvérsias. A recepção crítica da obra, inclusive dentro da própria comunidade retratada, foi marcada por ambivalências. bell hooks (2019, p. 227) questiona a posição de enunciação de Jennie Livingston – uma mulher branca, lésbica e de classe média – ao documentar uma cultura forjada por corpos *queer* negros e latinos. Segundo hooks, a diretora atua como “uma forasteira olhando o desconhecido”, sem problematizar seu próprio lugar de fala. Para a autora, o filme reitera ideais hegemônicos ao registrar os desejos dos personagens por um reconhecimento pautado em moldes de feminilidade branca e sucesso burguês.

Essa tensão torna-se particularmente visível na abordagem da categoria *realness*, que, embora constitua uma complexa estratégia performativa de subversão dos códigos cisheteronormativos (Heller, 2018), segundo a análise de hooks (2019, p. 223), tem seu potencial político esvaziado pelo enquadramento do filme, que supervaloriza a influência de ideais da branquitude e da classe média sobre os critérios de valorização nos bailes. Com isso, a dimensão paródica e desestabilizadora dessa categoria, também discutida por Butler (1993, p. 125 *apud* Parrine, 2017, p. 1422), é ofuscada por uma narrativa que privilegia a aspiração

a um ideal normativo. Essa mesma lógica de esvaziamento crítico se intensifica na abordagem da violência. hooks (2019, p. 232) critica a forma como o documentário estetiza a dor de seus personagens, exemplificada pelo tratamento dado ao assassinato de Venus Xtravaganza, jovem mulher trans, aos 23 anos. Segundo a autora, o filme transforma esse episódio em um espetáculo narrativo, sem oferecer espaço ao luto e a um aprofundamento que reconheça a violência estrutural que permeia a morte de pessoas trans.

Apesar de suas limitações e controvérsias, *Paris Is Burning* permanece como um documento histórico não apenas da cultura *Ballroom*, mas também das formas de resistência e de pertencimento *queer* nos Estados Unidos no final do século XX. Seu legado, contudo, só pode ser plenamente compreendido à luz das críticas e dos debates que suscitou, uma vez que a obra opera simultaneamente como registro e denúncia, elementos que, ao mesmo tempo em que lhe conferem valor histórico, suscitam dilemas éticos relacionados à representação e à autoria. Essa complexidade será contrastada, na próxima seção, com uma produção nacional que se articula dentro da própria comunidade para construir novas possibilidades de agência e enunciação

Salão de Baile: protagonismo, representatividade e resistência na cena brasileira

Lançado em dezembro de 2024 no Brasil, após um longo circuito de exibição em mais 15 festivais de diversos países pelo mundo, “Salão de Baile: *This Is Ballroom*”⁷ dirigido por Juru e Vitã, foi filmado em 2022, em um contexto brasileiro pós-pandêmico marcado por tensões sociais e políticas, avanços, retrocessos e resistências em torno dos direitos da população LGBTQIAPN+ e negra. A obra propõe um mergulho politicamente engajado na cena *Ballroom* do Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo (conhecida como a cena/circuito Rio-SGN). Produzido e protagonizado por integrantes da própria cena, o filme traz à tona as vivências, performances e resistências desses sujeitos, com uma proposta estética e ética enraizada nesse protagonismo que confere à obra um olhar interno e comprometido.

A *Ballroom* no Brasil começou a se estruturar de forma mais sistemática a partir de meados da década de 2010, impulsionada por redes sociais, espaços de dança e pesquisas teórico-práticas, sendo que o primeiro evento nacional documentado ocorreu em Brasília, no ano de 2015⁸. No Rio de Janeiro, onde se passa o documentário, as primeiras movimentações ocorreram entre 2015 e 2016. Foi nesse cenário que as diretoras da obra, Juru e Vitã, se

⁷ Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vuKUCxdZNNg>. Acesso em 12 de abr. 2025.

⁸ Ver: <https://g1.globo.com/cultura-Ballroom-movimento-que-acolhe-pessoas-lgbtqiapn>. Acesso em 29 de abr. 2025.

inseriram na cultura, passando a integrar ativamente a cena em 2017 e 2019, respectivamente, como explicam em entrevista concedida à *Rolling Stone* Brasil⁹.

Embora a cena brasileira dialogue com a tradição estadunidense, há elementos distintivos na forma como a *Ballroom* se adapta ao contexto local. Salão de Baile mostra como a *Ballroom* brasileira incorpora elementos culturais nacionais, como o samba e o funk, em suas categorias, a exemplo do *batekoo*, que desafia competidores a demonstrar domínio da movimentação do quadril enquanto performam sob uma batida de funk, reafirmando a singularidade da *Ballroom* brasileira como um espaço de interseção entre heranças afrodiaspóricas e expressões urbanas contemporâneas. Assim, o filme atua como dispositivo de afirmação coletiva e deslocamento simbólico, demonstrando, conforme Bailey (2013, p. 25-26), como a *Ballroom* constrói espaços de crítica, pertencimento e reconstrução subjetiva a partir de práticas performáticas ancestrais e atuais.

“Nos Estados Unidos, a cultura *Ballroom* é uma coisa; ao chegar ao Brasil, assume outras discussões. Ela tem outras corpos, outras categorias. Enxergo a cultura *Ballroom* como um produto dessa diáspora, e de uma diáspora que não é apenas entre a África e os Estados Unidos, nem apenas entre a África e o Brasil, mas um diálogo entre pessoas pretas e LGBTQ+ de várias partes do mundo”. Princess Hellfeti Alafia, em depoimento para o documentário brasileiro.

Salão de Baile adota uma abordagem coletiva e intersubjetiva: a direção, produção e montagem foram feitas em diálogo direto com membros da própria comunidade retratada. Essa perspectiva é o primeiro contraste com a produção analisada anteriormente neste artigo. Juru e Vitã optaram, nas palavras das próprias realizadoras, por “um filme plural, um manifesto coletivo que refletisse a diversidade da *Ballroom*”. Essa visão de quem está dentro da cultura reforça um compromisso ético-político das diretoras com uma representação horizontal e colaborativa, o que configura um dos principais méritos da produção: o protagonismo concedido a sujeitos historicamente marginalizados. Ao dar voz e visibilidade a corpos dissidentes, o filme não apenas documenta experiências, mas as reconhece como narrativas legítimas e complexas. As trajetórias individuais, longe de serem exploradas de forma espetacularizada, são costuradas a fim de revelar processos de transformação subjetiva, empoderamento e resistência.

Tal qual o documentário novaiorquino, o filme brasileiro utiliza como recurso intertítulos explicativos, que, mais uma vez, funcionam como um glossário visual que aproxima o público leigo dos códigos e categorias da cultura *Ballroom*, que, como mostra o

⁹ Ver: <https://rollingstone.com.br/salao-de-baile-diretoras-juru-e-vita/>. Acesso em 29 de abr. 2025.

documentário, não é apenas um espaço de performance, mas também de sobrevivência, acolhimento e crítica social. As casas continuam operando como redes de afeto e apoio, espaços de cura e reexistência frente às múltiplas formas de exclusão que atingem corpos trans, não binários, negros e periféricos. Como afirma Lua Brainer no filme: “A *Ballroom* é um espaço de conexão. É um hospital e uma igreja ao mesmo tempo, um quilombo, um manifesto, uma contracultura, uma revolução, uma revolta. Autossustentação”.

O filme, contudo, não se esquia das tensões internas dessa cultura, tampouco romantiza sua realidade. Há relatos sobre as diferentes visões que existem dentro da cultura, disputas por reconhecimento, espaço e liderança, o que mostra a complexidade deste que é um movimento vivo e plural. Em uma das cenas, uma agressão física e verbal ocorre quando Lua Brainer executa um “pulo” durante a performance de Mamys Krystal Fokatruá. Conforme definido no documentário, o termo “pulo”, na *Ballroom*, significa a interrupção deliberada da apresentação de um rival, caracterizada pela invasão do espaço cênico com o propósito de instaurar ou solucionar um conflito preexistente. Além disso, ao tratar com franqueza das adversidades enfrentadas por seus personagens, como dificuldades econômicas, a transfobia, a violência e a marginalização, o longa atinge uma profundidade crítica e afetiva que dialoga diretamente com o legado da *Ballroom* como ferramenta de resistência. Nesse sentido, ao contrário do que hooks (2019, p. 232) pontua sobre “*Paris Is Burning*” em relação à omissão do luto, a produção brasileira oferece espaço à memória e à dor coletiva ao rememorar Dandara Brum, travesti assassinada na cidade de Niterói em 13 de agosto de 2021¹⁰, que é homenageada tendo seu nome dado à Casa de Dandara.

Ao mesmo tempo, o documentário denuncia a apropriação estética da *Ballroom* por artistas *mainstream*, os quais incorporam elementos visuais e linguísticos da cultura sem, contudo, se engajarem efetivamente nas lutas e nas realidades da comunidade. O filme confronta essa dinâmica ao questionar o papel da cantora estadunidense Madonna¹¹, caracterizando-a como a “Princesa Isabel da *Ballroom*”, crítica que gerou amplo debate nas redes sociais na época do lançamento do longa.¹²

Dessa forma, Salão de Baile atualiza e ressignifica o legado de *Paris Is Burning*, trazendo à tona novas formas de resistência e representação. Enquanto o documentário

¹⁰ Ver: <https://oglobo.globo.com/liderancas-niteroi-cobram-respostas-morte-de-travesti>. Acesso em 29 de abr. 2025.

¹¹ Lançada em 1990, a canção *Vogue* tornou-se um dos maiores sucessos de Madonna, que levou aspectos da *Ballroom* ao *mainstream*. O filme brasileiro discute isso como uma apropriação, refletindo sobre os limites entre visibilidade e exploração cultural.

¹² Ver mais em: <https://portalpopline.com.br/filme-madonna-princesa-isabel-Ballroom/>. Acesso em: 01 de mai. 2025.

estadunidense documenta uma cena à margem, o filme brasileiro mostra uma cena madura, em movimento, articulada e consciente de seu papel político e cultural. A comparação entre essas duas obras não apenas mostra as transformações internas da cultura, mas também aponta para a importância da escuta e do pertencimento na construção de narrativas a partir de uma perspectiva comprometida com a realidade que retrata.

Conclusão: continuidades e rupturas nas narrativas sobre a cultura *Ballroom*

A análise comparativa entre “*Paris Is Burning*” e “Salão de Baile: *This Is Ballroom*”, apresentada neste artigo, demonstra não apenas continuidades, mas, acima de tudo, rupturas importantes na forma como a cultura *Ballroom* é representada e apropriada midiaticamente em contextos distintos. Os documentários cumprem seu papel na visibilização de sujeitos LGBTQIAPN+ negros e periféricos, mas o fazem a partir de posicionamentos ético-estéticos e históricos muito diferentes.

“*Paris Is Burning*”, marco inaugural da cultura *Ballroom* no audiovisual, ao documentar a cena novaiorquina dos anos 1980, é atravessado por dilemas de autoria e representação, que acabam por reforçar, em certa medida, dinâmicas de exotização e estetização da dor, mesmo que o filme permaneça como registro histórico importante e referência para debates sobre pertencimento e performatividade de gênero.

Já “Salão de Baile” inaugura uma nova etapa ao deslocar o eixo da narrativa para o protagonismo de sujeitos pertencentes à própria cena, que adaptam e reinventam a tradição da *Ballroom* no contexto brasileiro, incorporando elementos culturais próprios. Além disso, esse olhar interno confere autenticidade, sensibilidade e engajamento político à obra, ao promover uma autorrepresentação que desafia paradigmas tradicionais do documentário. Assim, o filme se destaca como um dispositivo de resistência, memória e afirmação coletiva.

Assim, as obras aqui analisadas operam como registros culturais e ferramentas críticas para refletir sobre diversidade, identidade, memória e resistência. Embora se reconheça, como limitação deste trabalho, o fato de a análise sobre a recepção de “Salão de Baile” ter sido restrita, em razão da escassez de material crítico e acadêmico disponível, dado o seu recente lançamento, é possível reconhecer que a *Ballroom*, tanto em sua prática quanto em suas representações, continua a se configurar como um espaço de expressão e reinvenção para corpos dissidentes. O diálogo entre diferentes e diversos contextos históricos, geográficos e culturais aprofunda a análise sobre visibilidade e pertencimento, ao destacar o papel da comunicação na construção de cidadanias plurais, desde que guiada por uma escuta

comprometida com as vivências das comunidades retratadas e pela valorização de suas próprias formas de narrar, evitando estereótipos e promovendo representações éticas e politicamente engajadas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BAILEY, Marlon M. **Butch Queens Up in Pumps: Gender, Performance, and Ballroom Culture in Detroit**. Michigan: The University of Michigan Press, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

GUEDES, Cíntia. “Entre o corpo-espetáculo e o corpo-memória: questões sobre raça e sexualidade nos filmes *Paris Is Burning* e *Línguas desatadas*”. In FORMIGA, Heron e SOUTO, Mariana (org.). **Catálogo da mostra Corpo e Cinema**. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016. 260 p. ISBN 978-85-8006-195-6 (PUC-Rio); ISBN 978-85-8317-048-8 (Apicuri).

HELLER, Meredith. RuPaul realness: the neoliberal resignification of Ballroom discourse. **Social Semiotics**, v. 30, n. 1, p. 133-147, 2018.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 356 p. ISBN 978-85-93115-21-9.

LAWRENCE, Tim. “Listen, and you will hear all the houses that walked there before”: a history of drag balls, houses and the culture of voguing. In: REGNAULT, Chantal; BAKER, Stuart (Ed.). **Voguing and the Ballroom Scene of New York, 1989-92**. New York: Soul Jazz, 2011. p. 3-11.

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. Produção de Miramax Films. Estados Unidos: Miramax Films, 1990. Disponível em: <https://mubi.com/pt/br/films/paris-is-burning>. Acesso em: 12 abr. 2025.

PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em *Paris Is Burning*. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 3, p. 1419-1436, 2017.

SALÃO DE BAILE: THIS IS BALLROOM. Direção: Vitã, Juru. Produção: Couro de Rato. Brasil: Retrato Filmes, 2024. 94 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13258526/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SALES, Nicolas Silva de; MELLO, Jamer Guterres de. A voz queer no documentário *Paris Is Burning*. **Passagens: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação - UFC**, Fortaleza (CE), v. 8, n. 1, p. 1-18, 2017.

SANTOS, Adalberto Silva. **Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade**. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, v. 4, p. 1-18, 2008.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.